



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

ANA MARIA DE ARAÚJO GOMES

**A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO FÍSICA
NA FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

JOÃO PESSOA – PB
2014

ANA MARIA DE ARAÚJO GOMES

**A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO FÍSICA
NA FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof. Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

JOÃO PESSOA – PB
2014

G633v Gomes, Ana Maria de Araújo
A violência no contexto escolar e a educação física na
formação do sujeito ético [manuscrito] : * / Ana Maria de Araújo
Gomes. - 2014.
40 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio,
Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Soraya Maria Barros de Almeida
Brandão, Departamento de Educação".

1. Violência escolar. 2. Educação Física. 3. Jogos. 4. Valores
éticos. I. Título.

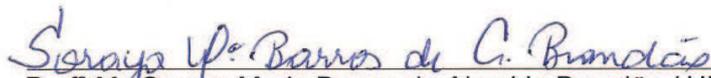
21. ed. CDD 371.782

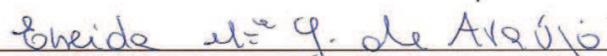
ANA MARIA DE ARAÚJO GOMES

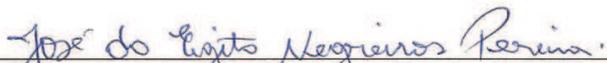
**A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA
FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação - PB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 14/06/2014.


Prof^a Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão / UEPB
Orientadora


Prof^a Ms Eneida Maria Gurgel de Araújo / UEPB
Examinadora


Prof^o Ms José do Egito Negreiros Pereira / UEPB
Examinador

Dedico esse trabalho aos meus pais que é a razão da minha existência e toda a minha família

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus criador de todas as coisas.

Agradeço a minha família, aos meus professores da especialização e meus amigos.

Agradeço a minha orientadora Prof. Ms Soraya Maria Barros de Almeida Brandão.

Em verdade, instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda uma forma de ser e comporta-se nos que estão envolvidos nela. Nos opressores e nos oprimidos. Uns e outros, porque concretamente banhados nesta situação, refletem a opressão que os marca (PAULO FREIRE).

RESUMO

Este trabalho é resultado de um estudo acerca da crescente violência no âmbito escolar em que se analisou a prática da educação física na formação do sujeito ético. Um dos problemas que mais tem preocupado a sociedade brasileira nos últimos tempos é a violência, principalmente quando esta se encontra inserida nas instituições escolares. Esse fato tem levado a sociedade a um grande nível de insegurança, uma vez que a escola tem sido palco de várias formas de violência (simbólica, verbal, física), deixando, assim, de ser um espaço seguro. Diante disso, desenvolvemos um projeto com os alunos do primeiro ao quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Concita Barros, com vistas a resgatar os valores éticos através de jogos nas aulas de educação física. Nesse sentido, tivemos como objetivo refletirmos sobre a violência no contexto escolar e a educação física na formação do sujeito ético. Para isso, tivemos como base os estudos realizados por Charlot (2002), Freire (2003), Garcia (2006), Larousse (2001), Andrade (2007), Boneti e Priotto (2009), Silva and Salles (2010), dentre outros.

Palavras-Chave: Violência escolar. Educação Física. Jogos. Valores éticos.

ABSTRACT

This work is the result of a study on the growing violence in the school in which we analyzed the physical education in the formation of the ethical subject. One of the problems that has most concerned the Brazilian society in recent times is violence, especially when it is inserted in schools. This has led the country to a high level of uncertainty, since the school has staged various forms of violence (symbolic, verbal, physical), thus ceasing to be a safe space. Therefore, we developed a project with students from first to fifth year at the State Elementary School Teacher Concita Barros, in order to rescue the ethical values through games in physical education classes. Accordingly, we aim to reflect on violence in the school context and physical education in the formation of the ethical subject. To this, we based on the studies carried out by Charlot (2002), Freire (2003), Garcia (2006), Larousse (2001), Andrade (2007), Boneti e Priotto (2009), Silva and Salles (2010), and others.

Key Words: Violence School. Physical Education. Games. Ethical Subject.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR	12
1.1 O QUE É VIOLÊNCIA?	12
1.2. VIOLÊNCIA ESCOLAR	14
2 A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO: um relato de experiência	17
2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E A ÉTICA.....	17
2.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	29
APÊNDICES	36

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais assistimos a exibição da violência, nos mais variados meios de comunicação. A realidade em que a maioria de nossos alunos está inserida é marcada por essa cultura da violência, tendo seu foco de origem, na maioria dos casos, no núcleo *mater* que é a família. Família essa que devido às dificuldades socioeconômicas, esqueceu de educar seus filhos dentro dos padrões éticos que a sociedade exige.

Esse descuido se reflete no seu comportamento escolar, trazendo consigo um conjunto de reações violentas, justificadas por essa falta de compromisso amoroso e educativo que a família deixou de cultivar. Percebemos também que, de modo geral, quanto mais inferior é a classe, também há de ser esse nível de tratamento que encontramos nos lares do nosso país.

Enquanto professora de educação física, tenho a oportunidade de conviver, a cada ano, com uma grande quantidade de alunos. Minha experiência docente iniciou-se na cidade Santa Rita, estado da Paraíba tendo como clientela, jovens adolescentes. Ela sofreu uma mudança significativa quando cheguei à Capital do Estado, onde atualmente convivo com outra realidade, ministrando aulas de Educação Física para crianças rebeldes do 1º ao 5º ano do Ensino Básico.

Mesmo estando os alunos na faixa etária entre 06 a 12 anos posso perceber que também eles, e não somente os adolescentes, estão expostos a vários tipos de violência, tanto dentro dos muros da escola, quanto na sua vivência em sociedade, o que se percebe através de seus depoimentos. Assisto todos os dias, uma violência considerada como normal no comportamento dos alunos.

Os valores morais parecem estar esquecidos. Eles estão sendo substituídos pela violência verbal e física. As agressões fazem parte do convívio escolar, sem nenhuma justificativa coerente, pois é na verdade a lei do mais forte, do melhor. Empurrões na entrada, brigas no intervalo, goma de mascar no cabelo do outro, bola de papel sendo atirada no outro, desordem na hora da merenda e finalmente o *bullying* generalizado. O que fazer então para minimizar essa violência, essa falta de respeito mútuo?

Essa pergunta levou-me a refletir sobre a possibilidade da implementação de uma ação direcionada para o resgate dos valores éticos por parte dos alunos, o que gerou uma ação denominada de “Resgatando Valores através dos Jogos”.

Esse projeto foi desenvolvido com os alunos do primeiro ao quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Concita Barros, com vistas a resgatar os valores éticos através de jogos nas aulas de educação física. A ideia desse estudo nasceu da minha preocupação com a inversão de valores ético-morais, por parte do alunado, e com o crescente índice de agressividade e desrespeito vivido das mais variadas formas entre os alunos (as) e da consequente necessidade de resgatar os valores do indivíduo, esquecidos pela escola primeira que é a família.

Nesse sentido, tivemos como objetivo refletirmos sobre a violência no contexto escolar e a educação física na formação do sujeito ético. A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa do tipo pesquisa-ação. Segundo Thiollent (1986, p.14):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Como embasamento teórico nos apoiamos nos estudos realizados por Charlot (2002), Freire (2003), Garcia (2006), Larousse (2001), Andrade (2007), Boneti e Priotto (2009), Silva e Salles (2010), dentre outros.

O presente estudo está organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo traz uma abordagem geral sobre a violência escolar, focando seus aspectos conceituais, bem como suas possíveis causas. O segundo capítulo trata da educação física e a formação do sujeito ético, partindo do princípio de que os jogos têm o poder de sociabilizar e contribuir diretamente para desenvolver a solidariedade, a cooperação e o respeito.

Traz, também, um relato de experiência a partir do projeto desenvolvido do primeiro ao quinto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Concita Barros, intitulado “Resgatando Valores através dos Jogos”. Por fim, tecemos as considerações finais acerca da temática em questão.

CAPÍTULO I

VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Um dos problemas que mais tem preocupado a sociedade brasileira nos últimos tempos é a violência, principalmente quando esta se encontra inserida nas instituições escolares. Esse fato tem levado a sociedade a um grande nível de insegurança, uma vez que a escola tem sido palco de várias formas de violência (simbólica, verbal, física), deixando, assim, de ser um espaço seguro.

Antes de discutirmos a violência escolar julgamos necessário fazermos uma abordagem geral sobre o conceito de violência para, em seguida, centrarmos nossa discussão na violência escolar.

1.1 O QUE É VIOLÊNCIA?

Discutir o termo violência no atual contexto social requer que tenhamos vários olhares, até porque, a forma como se entendia o referido termo não mais dá conta de responder as várias situações ou formas de comportamentos violentos. Nesse sentido, faremos uma abordagem geral do termo violência, com vistas a entendermos melhor o que se passa no interior das escolas.

Segundo o dicionário Larousse (2001, p. 1031), o termo violência é descrito como “1. Qualidade ou caráter de violento. 2. Ação violenta. 3. Ato ou efeito de violentar. 4. Constrangimento físico ou moral. 5. Qualquer força material ou moral empregada contra a vontade ou a liberdade de uma pessoa; coação. De acordo com Andrade (2007, p. 6),

Violência é toda forma investida, ataque, assalto, provocação, hostilidade, ofensa, acometimento, abandono, exploração, golpe, insulto, gesto, assédio, conduta com intuito destrutivo (e muitas condutas sem esse intuito, como as necessárias à constituição do sujeito, sendo exemplos inúmeros interditos paternos necessários a essa constituição) capaz de causar sofrimento, dor, constrangimento ou sensação desagradável.

Vale ressaltar que a história da humanidade traz em seu bojo uma carga excessiva de violência, violência essa que foi tão bem documentada em duas

Grandes Guerras. Isso marca a continuidade injustificável das violências nos dias atuais, mesmo porque elas ainda continuam.

As razões são ilógicas no ponto de vista de pessoas que já estão tentando fugir desses quadros de extrema violência, pois brigam até por causa do nome de Deus. Se isso acontece e fazem parte da nossa realidade, foi graças à globalização que nos trás em tempo real todos os acontecimentos, nos interconectando com o mundo, pois

[...] de fato, a globalização alcança os seres humanos, seus problemas, suas diferenças e semelhanças, globalizando também as violências em uma escala refinada e inventiva. Tais violências envolvem-nos em situações que vão dos golpes e feridas resultantes da agressão física até as violências por emissões indiretas, resultado de negligência ou ignorância em relação aos outros (SILVA E SALLES, 2010, p. 07).

Generaliza-se toda uma violência, veiculada nos nossos lares, através dos nossos aparelhos eletrônicos e a cultura da violência acontece como algo que já faz parte da existência humana. Se um ato de violência ocorre noutro país diferente do nosso, este será motivos de inspiração para os que já se encontram propensos às más inclinações, qualificando-o a margem de uma conduta que a sociedade atribui como inapropriada. Como afirma Silva e Salles (2010 p. 26):

A violência é a cultura social da globalização, porque ela é humana. Por isso, o pensamento não pode agir senão ao lado da violência e fora dela, mesmo se ela não sai de nossas vistas! Refletimos mal sobre o perigo dessa violência. O pensamento necessita, com efeito, dessas condições epistemológicas para poder desenvolver-se com toda a inteligência e carregar consigo o conceito de civilização. Eu sou outro e nada sou sem o outro.

Partindo deste conceito, temos a indisciplina como uma forma de violência, pois que o sujeito indisciplinado é aquele que não respeita normas e, portanto, age de forma irresponsável e até mesmo de forma agressiva.

Assim sendo, a indisciplina envolve atitudes, comportamentos e condutas que são considerados inadequados, inapropriados, inaceitáveis ou incompatíveis em relação ao momento, contexto, atividade ou a uma expectativa, conforme defende Garcia (2006).

1.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR

Como já falamos anteriormente, há vários tipos de violência e no que diz respeito à violência escolar, temos como definição, conforme Boneti e Priotto (2009, p. 162):

[...] todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antisociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar.

Analisar o comportamento indisciplinado dos alunos na fase infantil nos remeterá a sua convivência com a família, escola primeira que deveria está alicerçada de valores ético-morais e espirituais. Gostaríamos de receber essa clientela toda já pronta e dar continuidade na escola, que se caracteriza como sua representante para uma vida de sucesso.

O que vimos no cotidiano escolar é uma distorção de valores, de responsabilidades consigo e com o próximo. O papel dos pais foi relegado a um descompromisso que os mesmos apresentam na atualidade. O que lhes compete e não é realizado, está resultando numa árdua tarefa escolar.

Fica, então, a cargo do professor uma tarefa que muitas vezes não está incluso no seu curriculum profissional, o de cuidar da educação doméstica, que compete exclusivamente aos pais. Não o que se trata em educação doméstica, não querendo eximir este de um possível reajuste necessário diante do que lhe cabe. Assim sendo, sucede uma sobrecarga nas tarefas do docente, tendo que assumir, além de sua função enquanto professor, a função da família.

É importante ressaltar que estamos tratando aqui não de uma violência no sentido conotativo do termo ao extremo, pois no que se refere ao nosso público infantil, não temos ainda casos na nossa escola de agressões físicas graves. O que pretendemos focalizar são as microviolências e as situações de desrespeitos vivenciadas no nosso cotidiano. “Os estudos em escolas têm mostrado que as incivildades, somadas às indisciplinas – considero indisciplina a ruptura de um contrato de aprendizagem -, fazem com que os professores se cansem”, conforme declara Vinha (2013, p.19). Para Garcia (2006, p. 125):

As incivildades englobam comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Mas as chamadas incivildades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar tacitamente esperado como boa conduta social. Destaca - se entre as incivildades reportadas nas queixas usuais dos professores, a falta de respeito”. Essa alegação, em particular, sugere a ocorrência em sala de aula, de práticas de incivildade na forma de insensibilidade aos direitos de cada um de ser respeitado como pessoa.

Compreendemos a incivildade (microviolência)¹ nesse estudo, como ações que podem ser agressões verbais, físicas ou psicológicas de pequeno porte, considerando-se a nossa clientela. Fato este corriqueiro no nosso dia-a-dia, que chega ao desgaste tanto da relação aluno-aluno quanto da relação professor-aluno.

Os profissionais da educação estão cansados! Muitos não sabem como agir. Ficam perplexos diante das agressões verbais que fazem parte do vocabulário escolar e dos pequenos alunos que não lhes respeitam mais, dentro de uma hierarquia de autoridade. Os docentes não tiveram uma formação psicológica, para saber como lidar com esse novo quadro de violência, que já vem se avolumando, sem um real controle dessa situação, mesmo porque eles já possuem os seus problemas e mal controlam os seus impulsos.

A violência presenciada na época presente se reveste de várias faces. Dentre as formas de desrespeito observadas está o *bullying* que, segundo a professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mirian Paura (apud O GLOBO, 2012, s/p), “deve ser tratado como uma questão psicológica e pedagógica. Quem o pratica necessita de atenção, assim como as vítimas”. Fica evidente que essa prática já é observada também no ensino infantil e as agressões exigem correções no comportamento desde a mais tenra idade. No entanto, o que vemos é a total falta de controle dos docentes sobre a situação.

A questão, portanto, não é somente de semântica, mas também envolve a questão das punições legais. A mesma professora (apud O GLOBO, 2012, s/p) ainda afirma que nesse contexto “é muito perigoso judicializar a educação, porque assim você tira a autoridade das figuras pedagógicas da escola, como os

¹ Microviolências – Situações de desrespeito cotidiano, que, dependendo da intensidade e da regularidade, transformam o ambiente em caos (REVISTA NOVA ESCOLA. Ano XXVIII - Nº 267. Novembro 2013, p.19).

professores e a direção. É como se a escola fosse impotente para lidar com essa questão”.

É importante ressaltar que, segundo Charlot (2002, p. 432), a questão da violência na escola não é um fenômeno novo “assim, no século XIX, houve, em certas escolas do 2º grau, algumas explosões violentas, sancionadas com prisão”. No entanto, esse problema tem sido tratado com mais intensidade na atualidade.

CAPÍTULO II

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO: um relato de experiência

Este capítulo aborda um relato de experiência da pesquisadora na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Concita Barros, onde atua como professora de Educação Física. Mas, antes mesmo de passarmos ao relato, iniciaremos discutindo a relação da educação física com a ética.

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E A ÉTICA

A Educação Física é uma disciplina que tem como elemento fundamental o movimento. Ela valoriza o crescimento do aluno, dentro da individualidade de cada um, procurando respeitá-lo dentro das suas limitações e acompanha o desenvolvimento físico e rítmico do mesmo. E aqui abordaremos uma amplitude maior do que ela se propõe como afirma os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física (BRASIL, 2001, p. 29):

A Educação Física é considerada como uma área do conhecimento da cultura do movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

A ética seria um elemento essencial para que a cultura do movimento, principalmente nas situações que envolvem interação social, seja exercida de acordo com a consciência e a reflexão que compõem esses valores, desde o respeito até a mais simples gentileza. Assim, o desenvolvimento moral do indivíduo será uma consequência de uma programação dos conteúdos mais direcionada a qualidades dos estados efetivos afetando as decisões racionais de comportamento ético. Pois, como ainda ratifica os PCNs: Educação Física (BRASIL, 2001, p. 35):

O respeito mútuo, a justiça, a dignidade e a solidariedade podem, portanto, ser exercidos dentro de contextos significativos,

estabelecidos em muitos casos de maneira autônoma pelos participantes. E podem, para além de valores éticos tomados como referência de conduta e relacionamentos, tornar-se procedimentos concretos a serem exercidos e cultivados nas práticas da cultura corporal.

Surge então a necessidade de contribuir para uma formação ética do sujeito que estará inserido na sociedade como um ser que sabe conviver entre pares e que tem como um dos anseios, ser aceito como elemento cujas opiniões e afetividade sejam respeitadas. No entanto, o seu proceder, para ser aceito socialmente, dependerá, em grande parte, justamente dos valores éticos que possui.

A Educação Física, portanto, dará sua contribuição na formação do cidadão, quando for orientada no sentido da contribuição ética, se prevalecendo do movimento, dos jogos, posto que muitos encontram satisfação em participar das atividades, principalmente na fase infantil, público alvo da nossa pesquisa.

Partindo do princípio de que os jogos têm o poder de sociabilizar e contribuir diretamente para desenvolver a solidariedade, cooperação e respeito elaboraram as atividades a serem desenvolvidas, e relatadas no capítulo seguinte, seguindo a metodologia crítico-superadora, com o propósito de estimular a transformação no comportamento dos alunos (as), no que diz respeito aos relacionamentos. Essa metodologia, “implica um processo que atenua, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para apreender a realidade (SOARES et al, p. 87, 1992)”.

Na intenção de atenuar a violência no âmbito escolar, promovendo valores como: o respeito, a compreensão, a ajuda mútua, a gratidão e a solidariedade, é necessário que os professores, sintam-se envolvidos com a causa. A fixação de normas também é de fundamental importância porque,

Na primeira série, a escola cumpre, em sala de aula programas pedagógicos que solicitam da criança o pensamento operatório completo, correspondente a um abstrato de habilidade, de realizar operações mentais, de criar, classificar e conservar, entre outras, sempre vinculadas a dados da realidade concreta” (FREIRE, 2003, p. 18).

Pensar sobre essa função escolar, no que diz respeito à função intelectual, foi o primeiro passo para a construção de uma nova realidade no que diz respeito à mudança de comportamentos dos discentes. No entanto, sabendo-se que desenvolver somente a intelectualidade não transforma indivíduos em seres

humanos, foi preciso considerar também, e principalmente, o desenvolvimento da ética/moral.

Como essas dimensões são diferenciadas pedagogicamente, mas na vivência elas possuem aspectos umas das outras, torna-se importante estimular “o interesse da criança em definir regras de convívio entre elas e seus pares” (FREIRE, 2003, p. 18). Deste modo, as regras estabelecidas como condição para a participação nos jogos, contribuem para criar atitudes positivas que auxiliam na construção de relacionamento mais amistosos, primeiramente entre os discentes, ampliando-se posteriormente para seu círculo de amizades.

2.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Concita Barros está localizada na cidade de João Pessoa - PB, no Bairro Ernesto Geisel. Nesta unidade de ensino a maior parte dos alunos(as) são moradores de bairros da periferia: Nova República, CITEC, Colinas do Sul.

Ela funciona em dois turnos diurnos dedicados exclusivamente para o Ensino Fundamental I. O corpo docente é formado atualmente de onze professores. É composta de cinco salas de aula, secretaria, pequena cozinha, banheiros, dispensa, pequeno pátio coberto e uma área aberta onde os alunos(as) fazem Educação Física e se agrupam no intervalo das aulas.

A nossa experiência teve como tema “A educação física e a formação do sujeito ético”, enfocando a construção de valores sociais e educacionais com vista a desenvolver nos alunos a capacidade de uma boa relação intra e interpessoal. Assim sendo, as atividades deste ano foram elaboradas objetivando estabelecer um vínculo com os valores éticos, fazendo com que os alunos adotassem uma postura comportamental, acima de tudo, de muito respeito. Houve adesão espontânea da grande maioria das crianças à proposta.

Esse processo se deu através de discussões, bem como realizações de jogos, conforme relataremos abaixo. Os jogos foram realizados no horário das aulas, extrapolando a carga horária regular, no turno manhã e tarde. Para a realização de todas as atividades, foram elencadas as normas de conduta para os participantes, tais como: a proibição de chamar palavrões, de desrespeitar os árbitros, de empurrar os colegas.

Para dar um suporte maior à nossa ação diária, fizemos atividades interdisciplinares, buscando apoio das demais professoras, introduzindo textos que resgatassem os valores acima citados. Os textos utilizados como fonte para evidenciar os valores fundamentais aos seres em desenvolvimento foram: “A libélula e a tartaruga”, “A formiga e a pomba”, “O pequeno príncipe”, o filme “A era do gelo” e a música de Pe. Zezinho “amar como Jesus amou”, bem como outros tantos que fazem parte da programação do nosso objetivo ético.

Os jogos possuem um conjunto de atividades específicas respeitando as limitações dos alunos. As modalidades exploradas foram o dominó, a dama, o futsal masculino e feminino e o salto em distância. Procurou-se selecionar categorias que trabalhassem tanto as qualidades intelectuais e morais quanto as capacidades físicas dos alunos. Este formato se mostrou realmente adequado ao desenvolvimento dos jogos, pois favoreceu a participação das crianças, bem como o seu desenvolvimento ético.

No decorrer do projeto utilizamos atividades na ordem crescente de complexidade tendo como importância fundamental que as crianças aprendam a refletir sobre as atividades e não apenas as executem, respeitando suas capacidades motoras, cognitivas e afetivo-sociais, vendo nesse último ponto o elemento primordial da nossa pesquisa, onde o relacionamento com o outro é o diferencial nos resgates dos valores ético. Pois, como afirma os PCNs, (2001, p. 34):

O que se quer ressaltar é a possibilidade de construir formas operacionais de praticar e refletir sobre esses valores, a partir da constatação de que apenas a prática das atividades e o discurso verbal do professor resultam insuficientemente na sua transmissão e incorporação pelo aluno.

Dentro da prática, tivemos um caso bem definido acerca do resgate do valor ético como respeito: os alunos foram dispostos em duas colunas (filas indianas) de números iguais. O jogo consistia em passar a bola de mão em mão, por cima da cabeça, até chegar à última criança da coluna; o último aluno, ao pegar a bola deveria correr fazer um giro contornando um cone que se encontrava à frente de cada coluna, reiniciando a passagem da bola. Verificou-se que a outra fila não estava obedecendo às regras e elas mesmas fizeram uma avaliação ao final da tarefa, observaram que o outro grupo teve êxito porque teve a satisfação de que

todos participassem do jogo, compreendendo e respeitando as regras e os limites do jogo de forma cooperativa e solidária. De acordo com Silva (2011, p.12):

Nos dias de hoje, impera o significado de recreação como a reprodução de jogos e brincadeiras. Devido à sua tradição histórica e cultural em nossa sociedade, a recreação continua sendo perpetuada a partir de ênfase em aspectos técnico-operacionais, em detrimento de outros.

Entendemos que a mediação escolar através de atividades prazerosas, nesse caso, jogos e brincadeiras, trás grandes benefícios nos conflitos escolares, colaborando para melhoria da convivência no ambiente escolar, promovendo a inclusão, o diálogo, a autonomia, a participação coletiva (escola-família-comunidade). Nesse sentido o professor, especialmente o de Educação Física, tem um papel importante, pois como diz Netto (2010, p. 2):

A linguagem corporal/não-verbal dos alunos é importante no sentido de observarmos alguns fatos, tais como: violência corporal nas atividades e jogos, olhares e risadas desqualificantes, intimidatórias e ridicularizantes; exclusões intencionais (exaltação do erro, não passar a bola, ignorar na escolha das equipes, distanciamento físico de alguns alunos etc.); provocações corporais (tapas, empurrões, esbarrões, assédios); dentre outros. As reclamações dos alunos também são de suma importância para detectarmos a presença de bullying.

Assim sendo, a atuação do professor de Educação Física pode contribuir de forma bastante significativa para o combate à violência escolar, uma vez que este profissional tem inúmeros recursos para incentivar atitudes inclusivas e fomentar a interação social entre os alunos. Essas atividades pedem um desempenho de total necessidade do outro para a realização do sujeito ético. Vancourt (1987, p.34) defende como

[...] morais os eventos que dizem respeito à conduta subjetiva e como éticos aqueles associados à moralidade incorporada nas práticas e instituições de determinada comunidade, fornecendo critérios consensuais para que qualquer pessoa faça distinção entre bem e mal, entre justo e injusto, entre certo e errado.

Estabelecer normas através dos jogos nas aulas de Educação Física requer enquadramento adequado para a vivência desses valores e a disciplina pede

obediências às tarefas que serão realizadas. O aluno sente-se atraído a cumpri-las, porque não gostaria de ser excluído, como sujeito da ação, ação essa que precisa ser executada com discernimento do que seja certo ou errado, justo ou injusto, como vimos anteriormente.

A necessidade de pertencimento do sujeito é algo inerente ao ser humano ele que é essencialmente um ser social que precisa ser aceito num grupo para se sentir entre pares, pois segundo Maffesoli (2005, p.106), o termo sociabilidade significa que a vida social não poderia se reduzir às simples relações racionais ou mecânicas que servem, em geral, para definir as relações sociais. Ele permite integrar na análise parâmetros tais como o sentimento, a emoção, o imaginário, o lúdico, cuja eficácia multiforme não se pode mais negar na vida de nossas sociedades.

Quando isso não acontece, a violência chega das mais variadas formas, espalhando sua expressão nas atitudes da comunidade a que pertence e nesse caso na comunidade escolar, objeto do nosso estudo. O sujeito se acha excluído e o mecanismo que ele encontra é a força para se sentir aceito. Segundo Sales (2010, p.50):

[...] isso tudo configura um tipo de relação entre as pessoas que é próprio da sociedade atual. Em uma sociedade na qual tudo é possível, na qual os estilos de vida podem ser mudados e as regras constantemente substituídas e renegociadas, o suposto é que a tolerância ao outro deve nortear as relações entre as pessoas.

Voltando a prática pedagógica na escola campo de pesquisa, quando chegamos para essa nova clientela nos assustamos com a realidade, em que imperava a violência, caracterizada como “normal”. Diante disso, sentimos que deveríamos usar a Educação Física como uma ferramenta para minimizar e acrescentar os valores éticos tão esquecidos na conjuntura atual.

Assim, passamos a elaborar um conteúdo direcionado para uma concentração de resgate desses valores com desejo de atuar com entusiasmo e inteira dedicação. Foi com esses pontos que nossas aulas tomaram um rumo que passaremos a relatar com riqueza de detalhes o que fizemos dentro de uma interdisciplinaridade.

Encontramos subsídios nas outras disciplinas para a execução do nosso planejamento educacional. As disciplinas aliadas aos jogos tiveram um papel fundamental para um aprimoramento da educação dos sentimentos.

Começamos com o texto “A Libélula e a tartaruga”, de Rubens Alves. Esse texto nos remete a questão da superioridade que caracteriza uma ação agressiva de se achar melhor do que o outro, enfatizando uma atitude corriqueira entre os alunos. Nos mostra, também, uma característica de dureza, fazendo uma correlação com a armadura da tartaruga, que representa superioridade em relação à libélula. Nos alerta, ainda, que as coisas não são seguras quanto parece, diante da vulnerabilidade que o tempo e a água trazem como ensinamento para o crescimento de uma diferença diante dos sujeitos da ação.

Um outro ponto relevante é o trocadilho entre as palavras armaduras e armadilhas, salientando que mesmo sendo duro como uma pedra as , as vezes, se transformam em armadilhas, pois a tartaruga mesmo sendo considerada forte, caiu na armadilha de um mísero quase invisível mosquitinho que entrou no seu nariz e provocou um enorme espirro, deixando-a com o casco para cima. Isso implica dizer que ser duro e forte não é sinônimo de estabilidade e segurança.

No texto “A formiga e pomba”, a solidariedade é o ato inicial que envolve estes dois personagens, tendo o primeiro ato da pomba salvar a formiga no rio, para não morrer afogada, suscitando o sentimento de gratidão na formiga, que a *posteriores* teve a oportunidade de retribuir o gesto solidário, quando ferrou o caçador de pássaros, caracterizando assim que um coração grato sempre encontrará oportunidade para mostrar sua gratidão. Como afirma Ortega e Del Rey (2002 p. 21):

As boas e más relações interpessoais não são entes abstratos, mas, sim, processos concretos nos quais nos vemos envolvidos, devido à capacidade que tivermos de ativar e de manter as formas de nos comunicar com os outros. Neste sentido, é importante não esquecer que a vida em comum tampouco acontece no vazio, mas em cenários concretos. Assim, ação conjunta, comunicação e vida afetiva em comum serão três elementos que atravessam os eventos da vida de cada um nos cenários físicos e simbólicos em que vivemos.

A partir do texto que resumia o livro “O pequeno Príncipe”, foi solicitado que os alunos realizassem uma produção textual em que se colocassem de forma crítica frente ao que ouviram, expressando seus posicionamentos. É preciso notar que nem todos conseguiram executar a tarefa a contento, o que demonstra a necessidade de incentivar mais a visão crítica do nosso alunado. Mas muito conseguiram identificar

os valores- ético morais contidos na história e ainda destacar a necessidade do seu cultivo na atualidade.

O filme “A Era do Gelo” aborda o valor da amizade e o trabalho em equipe. Cada personagem possuía características próprias, ressaltando valores individuais, como: Sid que cuidou com carinho de três ovos, mesmo sendo do dinossauro; já Manny com sua força e coragem era o líder do grupo, que junto com os demais formavam os estrategistas para tomar decisões necessárias para o salvamento de seu amigo, o solitário e hiperativo Scrat; mostrava sua persistência em alcançar seu objetivo, que era uma noz e Diego que de início tinha a missão de sequestrar o bebê, acaba se afeiçoando ao bando permanecendo do lado do bem e luta para proteger seus novos companheiros.

Por fim, a letra da música de Pe. Zezinho, que aborda o tema do amor, amor este tão imprescindível nos nossos dias, arrematando o nosso direcionamento para uma questão ética do sujeito. Segue um trecho da letra da música e atividade executada:

O que é preciso para ser feliz?
Amar como Jesus amou
Sonhar como Jesus sonhou
Pensar como Jesus pensou
Viver como Jesus viveu
Sentir o que Jesus sentia
Sorrir como Jesus sorria
E ao chegar ao fim do dia
Eu sei que dormiria muito mais feliz (Grifo nosso).

Pelo que se pode notar, a letra da música, colocada em forma dialógica, toca em não somente ações, mas também em emoções capazes de provocar reflexões. A música foi executada em sala de aula, suscitando um cunho moral que a mesma descreve, falando do amor que devemos ter pelos outros, pois como afirma Alves, (2002, p. 16): “Será possível então um triunfo do amor? sim. Mas ele não se encontra no final do caminho. Ele se encontra no meio do caminho: não na partida, não na chegada, mas na travessia”.

Essas foram algumas das atividades executadas durante o ano letivo que vieram a dar um suporte técnico-didático para um melhor rendimento do nosso objetivo que é suscitar o lado ético no nosso cotidiano escolar.

Professoras que se vincularam a essa tarefa tinham um compromisso em direcionar o caráter dos alunos para uma convivência mais harmoniosa sem muita evidência das agressões no que tange ao outro, respeitando a identidade e a maneira de ser de cada um, pois conforme Rossetto Júnior et al (2009, p.11):

Os jogos e os esportes se destacam como elementos de integração social, troca de conhecimentos, ampliação das possibilidades de convivência e instrumento educacional capazes de reduzir o comportamento antissocial, prevenindo a violência por meio de regras e normas de conduta estabelecidas para garantir a convivência, o espírito esportivo.

Sendo assim, acreditamos na nossa contribuição satisfatória, mesmo que de maneira acanhada, mas que teve um rendimento considerado muito bom, dentro daquilo que nos propomos a executar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos fez perceber que, atualmente, apesar da violência que se generaliza, principalmente nas metrópoles e grandes centros urbanos, ainda é possível realizar trabalhos com o alunado no sentido de incentivá-los a desenvolver atitudes mais pacíficas, colaborando para o desenvolvimento de valores ético-morais e, conseqüentemente, de relacionamentos mais corteses.

O projeto “Resgatando Valores através dos Jogos” foi utilizado enquanto ferramenta para se não suplantam, ao menos amenizar a condição anterior de violência que era comum na hora do recreio, nos corredores e nas salas de aula, apresentando bons resultados.

O uso dos jogos na prática da educação se mostrou como um excelente instrumento para se trabalhar com o alunado, não somente o corpo, mas também questões ética-morais. Quando à participação dos alunos, observamos que além de aderirem à proposta, responderam bem aos estímulos provocados pelas atividades.

Resgatar os valores ético-morais através dos jogos e das brincadeiras, levou o aluno, mesmo que movidos somente por vontade de participar, começar a se adequar às atividades pré-estabelecidas, disciplinando-se de maneira geral.

Salientamos que as atividades desenvolvidas através da Educação Física possibilitaram uma prática de valores positivos, uma vez que os alunos atenderam as regras estabelecidas nos momentos dos jogos e atividades propostas. Com isso, consideramos de fundamental importância a inserção de atividades envolvendo normas, valores e atitudes passíveis de (re)organizar as relações para uma convivência justa em todas as disciplinas do currículo.

Concluindo, reafirmamos nossas convicções da importância da Educação Física na formação do sujeito ético. É que busquemos diversos instrumentos que propiciem ao aluno a construção de valores éticos e morais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Um mundo num grão de areia: o ser humano e seu universo**. Campinas, SP: Verus, 2002.
- ANDRADE, Lédio Rosa de. **Violência: psicanálise, direito e cultura**. Campinas, SP: Millennium, 2007.
- BONETI, Lindomar Wessler; PRIOTTO, Elis Palma. Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 26, p. 161-179, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC, 2001.
- CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**. Como os sociólogos abordam essa questão. Disponível em: [http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 15 de abril de 2014.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia do oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GARCIA, J. **Indisciplina, incivildade e cidadania na escola**. Campinas: ETD - Educação Temática Digital., v.8, 1, p. 121-130, dez. 2006.
- LAROUSSE. **Dicionário da língua portuguesa** – Paris: Larousse, São Paulo: Ática, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NETTO, Tânia Carvalho. Entrevista: Combate ao bullying nas escolas. **Revista Educação Física**. Ano IX, n. 38, dezembro de 2010. Disponível em: http://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2010/N38_DEZEMBRO/11_COMBATE_AO_BULLYING_NAS_ESCOLAS.pdf
- ORTEGA, Rosário. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília: UNESCO/UCB, 2002.
- O GLOBO (versão *on line*). Caderno de educação. **Bullying**: um problema que extrapola a lei. Sábado 10.11.2012. Acesso em 05.11.12. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/educacao/bullying-um-problema-que-extrapola-lei-5066451>
- REVISTA NOVA ESCOLA. Ano XXVIII. Nº 267, Novembro 2013.
- ROSSETTO JÚNIOR, Adriano José [et al.] **Jogos educativos: estrutura e organização da prática**. 5 ed. São Paulo: Phorte, 2009.
- SILVA, JMAP., SALLES, LMF. **Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo** [online]. São Paulo: UNESP/São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SILVA, Débora Alice Machado da [et al.]. **Importância da recreação e do lazer**. Brasília: Gráfica /Ideal, 2011.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

VANCOURT, R. **Kant**. Lisboa: Edições 70, 1987.

ANEXOS

ANEXO 1 – TEXTO “A LIBÉLULA E A TARTARUGA”

“A LIBÉLULA E A TARTARUGA” (Rubem Alves) --- Livro

Uma libélula recém nascida, que pairava as suas leves asas sobre a água transparente do ribeirão, viu imóvel sobre uma pedra, uma tartaruga que tomava banho de sol. Espantada diante de uma criatura tão feia, pousou sobre uma folha de capim a fim de ver melhor. A tartaruga, achando que a libélula a estava admirando, começou a falar:

- Olá – disse ela.

A libélula levou um susto.

- Pensei que você estivesse morta, de tão parada.

- Já fui como você, minha criança, muito agitada, mas aprendi que é perigoso viver assim. Em você tudo é esbanjamento: asas vibrando, ir e vir nas costas do vento, voar sem cessar. Mas tudo isso faz mal. Quem se mexe muito morre logo. A vida é como a vela: há de se economizar para durar mais. Minha filosofia é simples: nunca ficar de pé, quando posso ficar deitada. Para simplificar, fico sempre deitada...

A libélula espantada de que alguém pudesse viver assim, ia perguntar se a vida vale a pena. Mas não deu tempo porque a tartaruga continuou a falar:

- Você ainda não aprendeu a lição do peso. Para se voar é preciso ser leve. Mas tudo o que é leve é frágil. As crianças gostam de empinar papagaios. Mas para subir no vento, eles têm de ser feitos com varetas finas de bambu e papel de seda. Por isso, acabam quase sempre enroscados em algum galho de árvore. Mas você nunca viu uma tartaruga enroscada num galho de árvore. Estão fora dos enroscos porque não se metem a voar, porque são muito pesadas e por isso ficam sempre junto ao chão. Somos prudentes. Voar é perigoso, exige leveza e fragilidade. Isso é coisa que fascina as crianças, mas não os adultos. Os adultos são graves. E grave é aquilo que respeita a lei da gravidade e gosta de ir para baixo. Como eu. Os adultos quando querem elogiar alguém dizem que ele é uma pessoa de peso. O contrário de peso? Leveza, bexiga solta no espaço. Quando se diz que alguém é leviano, isso não é um elogio, é uma ofensa. Leviano é quem não leva as coisas a sério, como as crianças. Quanto mais adultas, mais parecidas comigo.

A libélula ia dizer que ser leve é coisa muito gostosa, porque dá sempre uma enorme vontade de rir, mas se calou, com medo de ser acusada de leviana. A tartaruga não entenderia.

- E há também a necessidade de defesas – continuou a tartaruga – Veja o seu corpo, fino como um palito. O bico de qualquer pássaro pode cortá-lo ao meio. E suas asas? Lindas e fracas. Veja agora a minha carapaça. Nem martelo consegue quebrá-la. Você é mole, eu sou dura. Mole são as crianças, os palhaços, os poetas, os artistas. Duros são os generais, os banqueiros, os policiais, as pessoas importantes. Quando as crianças deixam de ser uma libélula para se tornarem uma tartaruga, os adultos dizem que elas ficaram maduras. Na verdade o que querem dizer é que ficaram armaduras. Coisa madura é coisa mole, gostosa, boa de se comer e se descuidar apodrece e acaba. Já a armadura é coisa que vara os séculos. Como eu, impenetrável, constante, sempre a mesma. Digna de confiança. Serei

amanhã o que sou hoje. Quanto a você, não sei onde estará. As coisas leves passam. As duras permanecem. Ninguém diz que Deus é vento ou nuvem. Mas dizem que é rocha e fortaleza. Claro que as armaduras criam certos problemas. Fica difícil para brincar, pular, abraçar... Mas é o preço da sobrevivência.

Mas, as coisas não são tão seguras quanto parecem. O tempo e a água haviam feito crescer sobre a dura pedra em que a tartaruga se encontrava, uma lisa e escorregadia camada de limo. E um mísero, quase invisível mosquitinho entrou no nariz da tartaruga, o que lhe provocou um enorme espirro. Com o espirro a tartaruga escorregou e caiu, casco para baixo, perninhas para cima. Se fosse uma libélula ou umas coisas mais leve, teria sido fácil desvirar. Mas ela era pesada demais. Ficou presa de suas próprias defesas. Às vezes, as armaduras se transformam em armadilhas. E lá ficou ela, indefesa, até que alguém a levou e a transformou em sopa deliciosa.

A libélula então voou ao sabor do vento, feliz de que ela fosse assim, sem armaduras, tão leve e tão frágil...

ANEXO 2 – TEXTO “A FORMIGA E A POMBA”

A FORMIGA E A POMBA

Uma Formiga foi à margem do rio para beber água e, sendo arrastada pela forte correnteza, estava prestes a se afogar.

Uma Pomba que estava numa árvore sobre a água arrancou uma folha e deixou-a cair na correnteza perto dela. A Formiga subiu na folha e flutuou em segurança até a margem.

Pouco tempo depois, um caçador de pássaros veio por baixo da árvore e se preparava para colocar varas com visgo perto da Pomba que repousava nos galhos, alheia ao perigo

A Formiga, percebendo sua intenção, deu-lhe uma ferroadada no pé. Ele repentinamente deixou cair sua armadilha e isso deu chance para que a Pomba voasse para longe a salvo.

Moral: Quem é grato de coração sempre encontrará oportunidades para mostrar sua gratidão.

ANEXO 3 – TEXTO “O PEQUENO PRÍNCIPE”

O PEQUENO PRÍNCIPE – RESUMO DO LIVRO



O livro “O Pequeno Príncipe” marcou a infância de muitas pessoas. É um antigo livro que dele foi feito um filme, também já um pouco antigo. Com uma história de sonhos e magia, o livro hoje é usado em provas, vestibular e ainda encanta adultos e crianças. Confira logo abaixo o resumo do livro.

O narrador recorda-se do seu primeiro desenho de criança, tentativa frustrada de os adultos entender o mundo infantil ou o mundo das pessoas de alma pura. Ele havia desenhado um elefante engolido por uma jibóia, porém os adultos só diziam que era um chapéu. Quando cresceu, testava o grau de lucidez das pessoas, mostrando-lhes o desenho e todas respondiam a mesma coisa. Por causa disto, viveu sem amigos com os quais pudesse realmente conversar. Pelas decepções com os desenhos, escolheu a profissão de Piloto e, em certo dia, houve uma *pane* em seu avião, vindo a cair no Deserto de Saara. Na primeira noite, ele adormeceu sobre a areia. Ao despertar do dia, uma voz estranha o acordou, pedindo para que ele desenhasse um carneiro. Era um pedacinho de gente, um rapazinho de cabelos dourados, o Pequeno Príncipe. O narrador mostrou-lhe o seu desenho. O Pequeno Príncipe disse-lhe que não queria um elefante engolido por uma jibóia e sim um carneiro. Ele teve dificuldades para desenhá-lo, pois fora desencorajado de desenhar quando era pequeno. Depois de várias tentativas, teve a idéia de desenhá-lo dentro de uma caixa. Para surpresa do narrador, o Pequeno aceitou o desenho. Foi deste modo que o narrador travou conhecimentos com o Pequeno Príncipe. Ele contou-lhe que viera de um planeta, do qual o narrador imaginou ser o asteróide B612, visto pelo telescópio uma única vez, em 1909, por um astrônomo turco. O pequeno Planeta era do tamanho de uma casa. O Pequeno Príncipe contou o drama que ele vivia, em seu Planeta, com o baobá, árvore que cresce muito; por este motivo, ele precisava de um carneiro para comer os baobás enquanto eram pequenos. Através do Pequeno Príncipe, o narrador aprendeu a dar valor às pequenas coisas do dia-a-dia; admirar o pôr-do-sol, apreciar a beleza de uma flor, contemplar as estrelas... Ele acreditava que o pequeno havia viajado, segurando nas penas dos pássaros selvagens, que emigravam. O Príncipe conta-lhe as suas aventuras em vários outros planetas: o primeiro era habitado por apenas um rei; o segundo, por um vaidoso; o terceiro, por um bêbado; o quarto, por um homem de negócios; o quinto, um acendedor de lampião; no sexto, um velho geógrafo que

escrevia livros enormes, e, por último, ele visitou o nosso Planeta Terra, onde encontrou uma serpente, que lhe prometeu mandá-lo de volta ao seu planeta, através de uma picada. No oitavo dia da *pane*, o narrador havia bebido o último gole de água e, por este motivo, caminharam até que encontraram um poço. Este poço era perto do local onde o Pequeno Príncipe teria que voltar ao seu planeta. A partida dele seria no dia seguinte. Falou-lhe, também, que a serpente havia combinado com ele de aparecer na hora exata para picá-lo. O narrador ficou triste, ao saber disto, porque tomara afeição ao Pequeno. O Príncipe lhe disse para que não sofresse, quando constatasse que o corpo dele estivesse inerte, afirmando que devemos saber olhar além das simples aparências. Não havia outra forma de ele viajar, pois o seu corpo, no estado em que se encontrava, era muito pesado. Precisava da picada para que se tornasse mais leve. Chegado o momento do encontro com a serpente, o Pequeno Príncipe não gritou. Aceitou corajosamente o seu destino. Tombou como uma árvore tomba. E assim, voltou para o seu planeta, enfim. O narrador, dias mais tarde, conseguiu se salvar, sentindo-se consolado porque sabia que o Pequeno Príncipe havia voltado para o planeta dele, pois ao raiar do dia seguinte à picada, o corpo do Pequeno não estava mais no local. Hoje, ao olhar as estrelas, o narrador sorri, lembrando-se do seu grande Pequeno amigo.

ANEXO 4 – MÚSICA “O QUE É PRECISO PARA SER FELIZ”

O QUE É PRECISO PARA SER FELIZ

Padre Zezinho

Um dia uma criança me parou
Olhou-me nos meus olhos a sorrir
Caneta e papel na sua mão
Tarefa escolar para cumprir
E perguntou no meio de um sorriso
O que é preciso para ser feliz?

Amar como Jesus amou
Sonhar como Jesus sonhou
Pensar como Jesus pensou
Viver como Jesus viveu
Sentir o que Jesus sentia
Sorrir como Jesus sorria
E ao chegar ao fim do dia
Eu sei que dormiria muito mais feliz

Ouvindo o que eu falei ela me olhou
E disse que era lindo o que eu falei
Pedi que eu repetisse, por favor
Mas não dissesse tudo de uma vez
E perguntou de novo num sorriso
O que é preciso para ser feliz?

Depois que eu terminei de repetir
Seus olhos não saíram do papel
Toquei no seu rostinho e a sorrir
Pedi que ao transmitir fosse fiel
E ela deu-me um beijo demorado
E ao meu lado foi dizendo assim

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – FOTOS DAS ATIVIDADES

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ilustração 1 – Grupo folclórico do CENEC



Ilustração 2 – Alunos da escola Concita Barros



Ilustração 3 e 4 – Partidas de dominó



Ilustração 5 e 6 – Partidas de Futsal



Ilustração 7 e 8 – Salto em distância



Fonte: arquivo pessoal da autora



Fonte: arquivo pessoal da autora

Ilustração 9 – Entrega das medalhas



Ilustração 10 – Alguns alunos comemorando o êxito dos jogos



Ilustração 11 e 12 – Alunos em fila aguardando o início das atividades



